Arte para os olhos ou Arte para a mente?

Joseph Kosuth. "*Uma e Três Cadeiras*", 1965.
The Museum of Modern Art (MoMA), New York.

Ao logo dos séculos a Arte Visual consagrou a imagem como base de criação e presença estética. As imagens elaboradas pelo ser humano desde a pré-história definiram a maior parte de seu percurso desde então. Não há dúvidas de que para concebê-las e cria-las foram desenvolvidos vários domínios e habilidades, ou seja, competências cognitivas e psicomotoras para produzi-las e também para o desenvolvimento das muitas realizações humanas. Nesse sentido, embora a Arte fosse uma de suas primeiras realizações, talvez tenha sido a que mais exigiu observação, abstração e imaginação.

Inicialmente a elaboração de imagens assemelhadas à natureza, especialmente, aos animais com os quais convivia marcou a figuração, depois as representações de figuras humanas e sobrenaturais, acontecimentos, cenas e simulações subsistem até hoje. A imitação, a representação se tornaram referenciais visíveis e simbólicos capazes de atrair, encantar e simular. As imagens ocupam um lugar privilegiado na sociedade e não apenas no campo da Arte Visual, mas em diversos contextos estimulando, inclusive, teorias como a da Cultura Visual e debates atuais como as sintetizadas pelas chamadas Inteligências Artificiais.

O apelo aos olhos e à visão capitaneou praticamente a produção imagética, no campo da Arte Visual, até o século XX, contudo a partir dele surgiram proposições que destituíam ou restringiam as imagens como fonte exclusiva de criação e reflexão instaurando novos modos de criar e expressar valores, sentidos e significados.

Instalações, intervenções, ocupações, ocorrências e performances passaram a fazer parte das manifestações artísticas de tal modo que as imagens deixaram de ser as únicas fontes de referência estética. Tais condutas foram intensificadas com a Abstração e o surgimento do Conceitualismo cujas proposições dispensavam a primazia da imagem representativa ou figural como fonte de interação e conhecimento, a partir daí as imagens deixaram de ser o único destino da apreciação e fruição artísticas e os olhos se tornaram vias de acesso às proposições artísticas. Não há dúvida de que a visão continuou sendo parte essencial para apreensão sensória às instalações, intervenções, ocupações, ocorrência e performances, mas o principal destino de tais obras, passou a ser a mente.

Isso não quer dizer que toda a produção artística imagética dispensasse a mente para sua compreensão e apreciação, apenas que as imagens deixaram de ser as únicas fontes de acesso à informação e expressão artísticas. Com o advento da Arte Conceitual, a visão da acesso às proposições, mas não é o único meio para promover descobertas, interpretações e apreciação.

Conta a lenda que Leonardo da Vinci, em seus escritos sobre técnicas e processos pictóricos, se refere à Pintura como coisa mental. Nada mais natural já que a apreensão, interpretação e representação de imagens dependerem da capacidade cognitiva, como também dependia da capacidade de apropriação e transformação de materiais em instrumentos e matérias artísticas e, além disso, da capacidade psicomotora para usar as mãos, o corpo e os olhos para configurar imagens. Como se observa, a mente sempre foi a matriz para a criação de todas as coisas.

Não se pode esquecer também que a produção humana requer interesse, motivação, objetividade e emoção, ou seja, afetividade, entendida como a capacidade de sentir, expressar e vivenciar sentimentos e vínculos como dimensões essenciais da experiência humana e para o desenvolvimento cognitivo na construção de valores éticos, morais e estéticos na sociedade.

Tais valores foram se constituindo e transformados com o desenvolvimento humano, como também as manifestações artísticas. O que motivou a produção artística num dado período ou lugar não permaneceu para sempre e novas possibilidades surgiram. Nesse aspecto a Arte deixou de recorrer apenas à visibilidade para explorar a conceitualidade.

Pode-se dizer, portanto, que Arte Conceitual valoriza as ideias e proposições, ou seja: conceitos em detrimento da forma ou aparência visual das obras. Foca no processo de comunicação e interação por meio da apreciação ativa estimulando os espectadores a refletirem sobre elas por meio de questionamentos e problematizações em busca de sentidos e significados estimulados pelas obras no diálogo com elas.

Aqui entra a questão que originou esse texto: a Arte é para os olhos ou para a mente?

Numa resposta simples e direta: para ambos!

Sol LeWitt*, "A Sphere Lit From the Top, Four Sides, and All Their Combinations",*2004.

A imagem acima é uma foto tomada da obra *"A Sphere Lit From the Top, Four Sides, and All Their Combinations",* de 2004*,* traduzindo: *Uma esfera iluminada por cima, por quatro lados, e todas as suas combinações,* de Sol Lewitt.

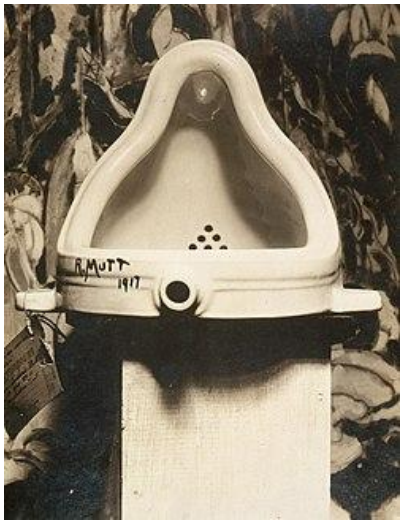
Cabe esclarecer que as fotografias da esfera não foram produzidas pelo artista, mas por outra pessoa, embora decorressem de uma proposição, criada por ele. Ou seja, o artista elabora instruções para serem executadas por terceiros. Esta estratégia se tornou comum nessa tendência estética e, nesse sentido, a mente passa a ser mais requerida do que a visão.

A chamada Arte Conceitual ou Conceitualismo exige a reflexão sobre processos de apreensão, compreensão e interpretação que vão além da imagem ou da aparência daquilo que é mostrado ou dado à apreciação. O que se valoriza é a ideia ou conceito por trás da obra, o que vai além da aparência física estimulando o pensamento crítico a partir de imagens, textos e objetos ou como já dito: instalações, intervenções, ocupações, ocorrência e performances.

Alguns aspectos como propostas ou processos, ações, condutas ou comportamentos são, por definição, Obras de Arte. Outros como apropriações de objetos, intervenções ou ocupações de locais ou ambientes, desmaterializações, degradação ou mesmo a inexistência de algo e até questionamentos sobre o papel da Arte, da produção artística e suas relações entre produtores, mediadores, críticos, mercado e público se tornam proposições estéticas passíveis de apreciação.

Para situar melhor essa ideia, a "*Arte Conceitual*" surge de *Art Concept*, termo usado em 1961 por Henry Flynt, filósofo, músico e artista norte-americano. Surge como crítica à arte tradicional e à vanguarda formalista da época e em defesa da Arte como pensamento. Postura adotada por outros artistas ao debater questões conceituais em detrimento de questões formais. Entre eles Sol LeWitt, um dos primeiros artistas a colocar em prática questões conceituais publicando, em 1967, o texto *Paragraphs on Conceptual Art*.

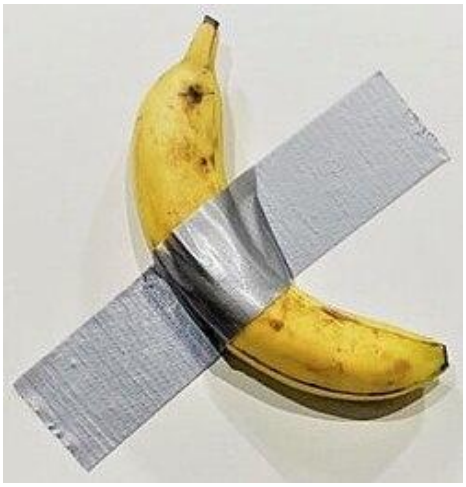
Além deles outros como o já citado Joseph Kosuth, Lawrence Weiner, Yoko Ono e muito antes deles, Marcel Duchamp intuíra tal conduta em 1917, ao apresentar a obra "A Fonte", uma peça sanitária:



Acima a fotografia da obra original de Duchamp, documentada por Alfred Stieglitz, por ocasião da mostra inaugural da Sociedade dos Artistas Independentes, em NY, no Grand Central Palace, em abril de 1917. Ao fundo, no cenário, a pintura *The Warriors*, de Marsden Hartley.

A imagem que abriu esse texto foi "*One and Three Chairs*", uma obra de Joseph Kossuth, produzida em 1965, ou seja, há 60 anos. Vale ressaltar que, em termos de existência artística, esse período é muito curto, portanto, ainda é nova e contemporânea. Mostra uma cadeira física, uma foto da cadeira e a definição da palavra cadeira tomada de um dicionário. A obra explora, por meio da presença física da cadeira, de uma representação visual fotográfica e da definição verbal na língua três modos de presença: são três significantes, ou seja, manifestações conceituais de cadeira, mas que possuem apenas um significado: a essência de cadeira. Embora cada significante seja representado por um processo de significação: objeto, foto e descrição, o conceito ou a ideia de cadeira permanece integralmente. Na própria cadeira existe enquanto objeto de mobiliário útil e utilizável, na fotografia existe enquanto representação visual e no verbete, existe enquanto definição textual, estes três modos dão existência a um só objeto.

Mas foi Sol LeWitt, quem criou um documento formal ao estabelecer ao elaborar instruções e critérios para a realização/replicação de suas obras e, consequentemente, facilitou a instauração de Obras Conceituais. Tais instruções se tornaram "modus operandi" tanto para executá-las quanto definir a posse e autorização para executá-las por outrem. Isso se torna uma espécie de "título ao portador" que autoriza alguém a replicá-las e também comercializá-las.



Maurizio Cattelan, "*O comediante*", 2019.

Isso possibilitou, por exemplo que, Maurizio Cattelan, concebesse sua série "*Comedian*", instalações realizadas com bananas fixadas na parede. Nesse caso a Obra de Arte não é a banana, mas sim um documento que identifica seu proprietário, o autoriza a replicar a instalação quando, onde quiser e, inclusive, revende-lo. Nesse caso o que permanece como parte essencial das obras são as ideias que as evocam e não a forma ou existência física que as constituem, por isso Conceituais, portanto, Mentais.

Pense nisso!